

18/11/2019

## A pluralidade de expressões dos movimentos sociais que lutam pela saúde dos trabalhadores

### René Mendes

[Médico e Professor. Diretor Científico da ABRASTT (Associação Brasileira de Saúde do Trabalhador e da Trabalhadora). Pesquisador do Instituto de Estudos Avançados da USP]

*“Onde não se pode mais nada e onde nada mais é possível, a vida parou.”*

Ernst Bloch (1885-1977) - *Princípio Esperança* - Vol. I - Cap. 18

Parto da tese de que é inevitável, ou melhor, é de todo desejável que uma sociedade democrática se mobilize por *grandes causas*, e a defesa da saúde dos trabalhadores e das trabalhadoras é, inegavelmente, uma grande causa mobilizadora! Mobilizadora, porém com expressões plurais, seja no perfil e história dos que movimentam os movimentos, seja no perfil e história dos que se juntam aos movimentos já em movimento, ou nos instrumentos, ferramentas e estratégias que ajudam a movimentar os movimentos... No caso, os movimentos sociais, os quais, ao longo de mais de dois séculos, e até hoje, antropólogos, sociólogos e politólogos - entre outros - buscaram entender sua natureza, sua dinâmica e sua riqueza. Tal entendimento me conduz à segunda tese: quanto maior for a importância e o tamanho das *grandes causas* grandes - e aqui, também, a defesa da saúde dos trabalhadores e trabalhadoras é um exemplo emblemático - maior poderá ser o *efeito gravitacional* de atração das várias e diversas expressões e correntes de movimentos sociais, em direção a *áreas de convergência*. De sonhos e utopias, de resistência e de luta.

E, para prosseguir com minhas teses introdutórias a esta reflexão, uma mais: a maioria de nós - sobretudo os que, como eu, já estão entre a sétima e a oitava década de vida - esteve ou está engajada, simultaneamente, em múltiplas expressões de movimentos sociais de natureza similar ou parecida, cujos propósitos e objetivos parecem convergir, somar, potencializar, ainda que com estratégias e ferramentas distintas, e talvez alcance e espaços institucionais e mesmo geográficos distintos.

Vejo-me assim, em minhas múltiplas dimensões de cidadão, militante político e religioso, médico, professor, pensador, presente e atuante em comunidades por certo muito diferentes. Sou múltiplo, polivalente, porém único. Com estas reflexões introdutórias no formato de teses ou premissas, chego à história de uma das mais recentes expressões dos movimentos sociais no Brasil.

No caso, a criação da Associação Brasileira de Saúde do Trabalhador e da Trabalhadora - ABRASTT.

Em 12 de dezembro de 2017, em memorável reunião realizada na Faculdade de Saúde Pública da USP, em São Paulo, estávamos lá, algumas dezenas de conhecidos profissionais e militantes da *grande causa* que significa a defesa da saúde e segurança de trabalhadores e trabalhadoras, debatendo o cenário dos grandes e crescentes ataques do Governo que manipula e controla o Estado brasileiro - principalmente a partir do golpe de 2016 - e avaliando a necessidade de um *locus* institucional que abrigasse, em nível nacional, profissionais dos mais distintos níveis de formação (não necessariamente pós-graduados e ditos ‘acadêmicos’); trabalhadores e trabalhadoras do Sistema Único de Saúde (principalmente atuando nos CERESTs, na RENAST e na Atenção Básica); trabalhadores e trabalhadoras das assessorias sindicais em saúde; sindicalistas; auditoras e auditores fiscais do trabalho, militantes na área ambiental; magistrados do trabalho engajados; procuradores do trabalho também engajados; enfim, uma pluralidade de perfis que não têm guarida em outras entidades - embora com elas alinhadas na pauta de lutas - , despojados, porém, de preocupações corporativas. Foi naquele contexto que nasceu a ABRASTT, que *“tem como missão a defesa da saúde e a vida dos trabalhadores e das trabalhadoras, enquanto direitos humanos e sociais fundamentais do indivíduo”*, como enuncia o art. 2º de seu estatuto.

Reza o parágrafo único deste mesmo artigo, que *“para alcançar sua missão, [a ABRASTT] atua no apoio e articulação da sociedade civil, assim como no apoio e articulação entre os profissionais da área de Saúde do Trabalhador que estão vinculados a entidades públicas ou privadas ou a centros de ensino e pesquisa em Saúde do Trabalhador. Objetiva o fortalecimento e compartilhamento do saber, do conhecimento, da informação e ampliação do diálogo entre os atores do campo de Saúde dos Trabalhadores e das Trabalhadoras e a comunidade técnica e científica, e desta, com os serviços de saúde, organizações governamentais e não governamentais, e com a sociedade civil.”*

Os desafios são enormes e, decerto, há espaço para todas e todos exercerem o direito (dever) à resistência, ao sonho e à luta, coerentes com o *Princípio Esperança* de Ernst Bloch (1885-1977).

Mais do que nunca, a complexidade do momento e o tamanho dos desafios nos irá obrigar a busca da convergência e da harmonização de ações, *entre e com* todas as expressões dos movimentos sociais que lutam pela mesma *causa*, ainda que em diferentes trincheiras!

♦ ♦ ♦

*OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.*